



A obra de Green e a evolução do pensamento analítico*

*Cesar Botella***, Paris

A obra de André Green representa, para o autor, o melhor exemplo do que ele concebe como paradigma evolutivo: como as ciências duras, a psicanálise também possuiria a potencialidade de organizar um saber evolutivo; mas, diferentemente delas, evoluiria sem mudança de paradigma, mais por ampliação do paradigma fundador, que abre a psicanálise para novos campos da vida psíquica. Ela seria governada por um paradigma cujo caráter evolutivo resultaria do produto de um trabalho coletivo inconsciente de autores sucessivos.

Descritores: evolução do pensamento analítico, paradigma evolutivo, princípio de convergência-coerência.

* Este artigo é a reprodução, com a diferença de alguns esclarecimentos, de uma parte da minha apresentação oral por ocasião da homenagem prestada a André Green em Paris, em 17 de novembro de 2012, pela Sociedade Psicanalítica de Paris.

** Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.



No momento em que André Green iniciou seus trabalhos, Bion e Winnicott, em Londres, e Lacan, em Paris, já haviam desenvolvido corpus teóricos originais. A circulação de ideias entre eles era praticamente inexistente. Por exemplo, que eu saiba, Bion nunca citou Winnicott. Do mesmo modo, o distanciamento deles em relação a Freud é surpreendente. Green se vê, então, diante de uma psicanálise que perdeu a bela coerência de outrora. Ela parece mais uma torre de Babel teórico-prática. Um sério problema. Assim como em outras áreas, esses diferentes corpus teóricos são constituídos por certo número de noções originais. São noções solidárias entre si que se definem pelas relações que estabelecem dentro do corpus. Desta maneira, quando isoladas e fora de seu contexto, quando extrapoladas, elas podem perder o valor essencial que possuíam dentro do corpus. Cada corpus parece ser pensado para ser autossuficiente, evoluindo em linha paralela aos outros. Uma incompatibilidade que tende a gerar formas de militância ou, o que seria ainda pior para a psicanálise, a busca desesperada de uma síntese transmissível, sendo, portanto, necessariamente simplificadora, com o risco de apagar seus fundamentos.

Aonde quero chegar dizendo isto? Em vez de sermos militantes de um corpus teórico ou de outro, inclusive daquele de Freud, poderíamos aceitar a ideia de que certamente nenhum contém uma verdade única, da mesma maneira que qualquer tentativa de complementaridade é ilusória. Pergunta-se então se, apesar disto, um *pensamento psicanalítico global e coerente* poderia emergir desses diferentes corpus heteróclitos, ultrapassando-os ao mesmo tempo.

Acerca disso – e em homenagem a André Green – proponho uma reflexão a partir das considerações de Freud desde as primeiras linhas da compilação de seus textos fundamentais de 1915, que é a *Metapsicologia*. Trata-se de relativizar a ideia de uma psicanálise concebida como teoria definitiva. Eis uma citação do início de *Pulsões e destinos das pulsões*:

Ouvimos frequentemente defender a exigência de uma ciência alicerçada em conceitos fundamentais claros e estritamente definidos. O verdadeiro início de qualquer atividade científica consiste antes na descrição de fenômenos que, posteriormente, são reunidos, ordenados e inseridos nas relações. [...] Somente depois de um exame mais aprofundado do campo dos fenômenos considerados é que podemos também entender mais precisamente os conceitos científicos fundamentais deste campo e modificá-los progressivamente para torná-los aplicáveis de modo mais abrangente e livres de toda e qualquer contradição. É nesse momento então que podem



ser isolados em definições. [...] Porém, o progresso do conhecimento também não tolera a rigidez das definições. Como o exemplo da física ensina de maneira brilhante, mesmo os “conceitos fundamentais” que foram engessados em definições sofrem uma constante mudança de conteúdo (p. 165-166).

A psicanálise tem hoje mais de um século, e seus diferentes corpus, apesar de sua heterogeneidade, podem ser considerados como sendo a evolução de uma mesma ciência. Para entender isto, bastaria observar os diferentes conceitos fora dos diferentes corpus, considerando-os como instrumentos dos autores para explicitar uma intuição. Mas seria possível extrair deles a evolução de um pensamento comum? Um pensamento proveniente de conceitos estranhos uns aos outros, mas que, levados ou postos à prova da evolução de um pensamento global já em curso desde Freud, em 1900, permitiria que alguns desses conceitos, ao menos, deixando sua origem autossuficiente, se transformassem e alimentassem assim a dita evolução em curso.

Freud é mais que o descobridor do inconsciente e do funcionamento do psiquismo. Desenvolveu uma concepção geral da vida psíquica que não parou de evoluir desde os seus primeiros escritos. Sua mente inquieta e conquistadora fazia de cada descoberta um estimulante que compelia seu pensamento a um novo campo a ser investigado. O novo campo psíquico, cheio de aspectos desconhecidos, que se abria então, o apaixonava mais que o saber que acabava de adquirir. É por esta razão que a psicanálise não corresponde verdadeiramente às exigências da definição de uma teoria; seria mais apropriado designá-la como *pensamento*.

Estudar a evolução do pensamento de Freud é fonte de rara riqueza. É o mais belo exemplo de uma abordagem capaz de relativizar os conceitos, de reconsiderar, a cada novo avanço, os seus valores, os seus lugares, a hierarquia existente entre eles. Um pensamento que, como dizíamos, estando continuamente à escuta da emergência de novos desconhecidos, pode adquirir novas coerências que permitem conhecer melhor seus fundamentos e seus princípios elementares. Em vaivéns muito frutíferos. Proponho considerar o pensamento de Freud, em sua permanente evolução, como um modelo para compreender a evolução da psicanálise, desde as suas raízes freudianas até o seu desenvolvimento, graças aos aportes sucessivos de autores, numa coerência que também é evolutiva. Assim concebido, o pensamento analítico seria um pensamento pertencente a nenhum autor – sendo Freud o descobridor genial de um modelo evolutivamente criador, mas não seu proprietário. Isso significa que a tarefa dos psicanalistas que descobriram novos campos ou aprofundaram outros já existentes seria a de



confrontar tais campos com a potencialidade evolutiva dos escritos freudianos, visando a extrair as ideias implícitas que alcançam suas intuições, esses *desconhecidos* que permaneceram à espera de um autor para revelá-los.

Na verdade, foi a obra de Green que inspirou em mim essas ideias, o seu modo de integrar Freud em suas descobertas ou, melhor dizendo, de *integrar suas descobertas no pensamento de Freud, fazendo este pensamento evoluir*.

Eis a minha compreensão em linhas gerais.

Sem dúvida, todos os autores concordam em pensar que os diferentes corpus citados aceitam o *paradigma*¹ originário de Freud, o da *realização de desejo*, como motor da vida psíquica, sendo o sonho o seu modelo. Este paradigma orienta o pensamento de Freud do início ao fim, mesmo depois da introdução da pulsão de morte, em 1920. E não será modificado, mesmo quando Freud compreende, em 1932, que *o sonho é uma tentativa de realização de desejo*. Seu objetivo é também a elaboração dos traumas da infância que permaneceram irrepresentáveis – elaboração essa facilitada e orientada, contudo, pelo *paradigma originário*.

Essa primeira ampliação do *paradigma originário* faz pensar que é numa potencialidade de ampliar-se sem perder suas raízes que ele revela todo o seu valor. Esta é a ideia que orienta a minha exposição: em vez de progredir com novos paradigmas que relativizam a teoria e criam outras, a psicanálise se desenvolveria por si mesma, avançando por sucessivos acréscimos coerentes ao seu *paradigma originário*.

A pesquisa de Green sobre o *negativo* exemplifica isso, tanto pelas suas descobertas quanto pelo fato de esta obra integrar os conhecimentos dos psicanalistas que foram seus predecessores nesse terreno, como Bion, Lacan e Winnicott.

Resumindo. Lacan (1953), em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, introduz a ideia hegeliana de *negatividade*. Winnicott emprega expressões claramente hegelianas através dos dizeres de uma paciente: “O negativo é a única coisa positiva”. Por isso, ele descreve, nesse mesmo sentido, um tipo particular de trauma: “aquele passado que nunca foi sentido”. E considera o objeto transicional como “o objeto [que] é e não é o seio”. Bion, por sua vez, já em 1962, pensa o *negativo* sob forma de “não-coisa”. Depois, em 1965, em *Transformações*, ele introduz um salto conceitual determinante. A respeito de Édipo e do assassinato do pai na encruzilhada de Tebas, Bion aborda a castração em termos de

¹ O termo *paradigma*, introduzido por Thomas Kuhn, designa o conjunto das crenças, valores e técnicas que são compartilhados pelos membros de uma comunidade científica durante um período de consenso teórico. Os exemplos mais típicos de paradigma são o de Ptolomeu (geocentrismo), o de Copérnico (heliocentrismo), o de Newton (a gravitação), o da relatividade geral (Einstein).



negatividade: um não-pênis, um pênis que ainda não existe; um não-pênis ali onde o pênis costumava estar. Essa é a sua concepção do *conhecimento* de uma dupla forma: positiva e negativa (K e -K).

Integrando esses autores, Green propõe, já em 1966, em sua concepção do *narcisismo primário*, uma primeira descrição do *negativo* sob a forma da *alucinação negativa da mãe*. Trata-se de uma nova perspectiva no sentido de que esta efetua uma transvaloração de valores. O sujeito emerge não somente graças a uma identificação primária direta com o objeto (Freud, 1923), ou à assunção de sua imagem especular (Lacan, 1953), ou ainda ao trabalho psíquico desencadeado pela dor da ausência da mãe na percepção. Nada disso pode acontecer sem a base de um processo que a criança concebe em seu foro íntimo: *a alucinação negativa da mãe*. Não se trata, porém, da negação de uma percepção, a não visão da mãe; ao contrário, esta permanece investida e amada na percepção. *No pensamento de Green, a alucinação negativa da mãe significa a negatização psíquica de sua representação*. Green inspira-se em Freud (1920), que estuda a *brincadeira do carretel* de seu neto. A criança, que está fora do berço (insisto na posição da criança em relação ao berço, um detalhe que escapou a muitos comentadores, sendo, no entanto, determinante para a compreensão da brincadeira), brinca e arremessa o carretel para dentro do berço, onde o carretel desaparece de sua vista; depois, puxando pelo cordão, alcança de volta o brinquedo e o tira do berço, exclamando-se alegre: “ooo... da! Foi embora – Voltou”. Freud interpreta o jogo unicamente como uma forma de dominar a ausência da mãe, mas deixa escapar o fato de que o carretel representa também o bebê que entra e sai do berço, do mesmo modo que a mãe entra e sai de casa. Freud se corrige, acrescentando uma nota de rodapé em que interpreta outra brincadeira do neto: sempre na ausência da mãe, a criança brinca desta vez diante de um grande espelho pendurado na parede; agachando-se e voltando a se levantar, ela faz desaparecer e reaparecer sua própria imagem especular. Exclama-se: “Nenê foi embora – Nenê voltou”.

A análise minuciosa que Green faz dessas cenas o leva a uma formulação determinante para a sua concepção: *a mãe é tomada no quadro vazio da alucinação negativa e torna-se estrutura enquadrante para o próprio sujeito*. De onde Green (1966) conclui que o sujeito se constrói, em primeira instância, no quadro vazio da *alucinação negativa do objeto investido*².

Posteriormente, em 1973, Green esclarece: “Entendemos a alucinação negativa não como a ausência de representação, mas como a representação da

² Green, A. (1966) Narcissisme primaire : structure ou état. In: *L'Inconscient*, n° 1 e 2. Retomado em *Narcissisme de vie, Narcissisme de mort*. Editions de Minuit.





ausência de representação” (p. 335-336). E ele inaugura uma nova abordagem para a psicanálise, acrescentando o seguinte: “A alucinação negativa é o reverso do qual a realização do desejo é o anverso” (Ibid, p. 336). Ou, para ser mais exato: “A representação da ausência de representação é o reverso da realização do desejo” (Ibid). Graças a André Green, a noção de *realização alucinatória do desejo* torna-se um *duplo alucinatório negativo* que torna inseparáveis o desejo e a ausência. Sob essa forma de inseparabilidade, de *ausência alucinatória e de desejo alucinatório*, podemos conceber que os fundamentos do psiquismo são de natureza alucinatória. A ampliação do *paradigma originário* efetuada por Green enriquece a psicanálise com uma maior coerência, permitindo que os psicanalistas encontrem uma melhor forma de praticá-la e tenham maior chance de êxito no acesso aos tratamentos de casos-limite.

Com toda a certeza, a noção de *alucinação negativa da mãe* é uma ideia que tem a potencialidade de organizar uma obra original capaz de concorrer com aquelas obras pós-freudianas já existentes. A tentação de Green devia ser a de fazer como seus predecessores e constituir um novo corpus teórico, diferenciando-se de Freud ou mesmo esperando ultrapassá-lo. Ao contrário, o seu rigor científico conduz Green a inaugurar uma nova forma de fazer progredir a psicanálise. Ele consegue até mesmo criar uma obra muito original, mantendo-se ao mesmo tempo fiel àquela de Freud. É não hesitando em questionar, ou mesmo contestar, noções e abordagens freudianas que Green, a partir de suas próprias descobertas, extrai pensamentos que estão implícitos no texto freudiano, fazendo evoluir o pensamento analítico.

Essa abordagem de rara honestidade o leva a questionar a si mesmo, a repensar a sua formulação da *alucinação negativa*, que, no entanto, já havia sido largamente adotada no meio psicanalítico. Em 2002, ele expressa abertamente certa insatisfação em relação a essa formulação: “Outrora, nós a definimos como representação da ausência de representação, mas tal definição está sujeita à ambiguidade, na medida em que tende a alimentar uma confusão entre representação e percepção” (p. 289).

A razão de sua insatisfação está no fato de que Green está às voltas, naquele momento, com uma ideia já apresentada, mas que fora deixada de lado. Reconhecendo a importância do *negativo* em Bion e em Winnicott, Green descreve o que ele chama de *traço negativado do corpo da mãe*. Ainda nesse texto de 2002:

Bion assinalou o papel da função continente do objeto. De minha parte, desenvolvi a ideia de estrutura enquadrante. Formulo a hipótese de que a





criança (seja qual for a cultura em que tenha nascido) é segurada pela mãe contra o seu corpo. Quando o contato com o corpo da mãe é interrompido, o que persiste dessa experiência é o traço do contato corporal – na maioria das vezes, o braço da mãe –, que constitui uma estrutura enquadrante que abriga a perda da percepção do objeto materno, como uma alucinação negativa desta. É sobre este fundo negativado que vão se inscrever as futuras representações de objeto abrigadas pela estrutura enquadrante (Green, 2002, p. 217-218, grifos do autor).

Traço negativado do corpo da mãe que será considerado um autoerotismo irrepresentado. Se o trabalho do sonho noturno fracassar, será o autoerotismo que levará o psiquismo diurno a buscar uma solução diferente da solução alucinatória do sonho: para Green, é a *obra de criação*, artística ou científica, que se desenvolve sobre o traço negativado do corpo da mãe.

Isto já daria para considerar que a obra está completa e terminada. Não para Green. Em 2010, ele explica o que designa por *interiorização do negativo*, “uma forma de identificação primária negativa” (p. 221), descrita segundo o modelo freudiano da *identificação primária*, que acontece antes do investimento de objeto.

A continuidade disso é o que Green nos diz em 2012, no retorno de suas férias de verão. Ele refletiu sobre uma nova abordagem do *negativo psíquico: o negativo do negativo*, o qual ele não teve tempo de desenvolver.

Em suma, a exemplo das ciências duras, a psicanálise também possuiria a potencialidade de organizar um saber evolutivo, mas, diferentemente delas, ela evoluiria sem mudança de paradigma, mais por ampliação daquele paradigma fundador, abrindo-a para novos terrenos da vida psíquica. O destino das sucessivas teorias seria, depois de terem exercido sobre os psicanalistas um momento de grande sedução, o apagamento; restariam algumas noções que foram integradas nesse tronco comum que denominamos *pensamento psicanalítico*. Sua origem, o *pensamento freudiano*, conteria em si mesma, como dissemos, a potencialidade de desenvolver esse *pensamento psicanalítico* que, à medida de seu crescimento, deixaria de ser qualificado como freudiano, bioniano, lacaniano... Ele seria governado por um *paradigma evolutivo*, cujo caráter evolutivo seria o produto de um trabalho coletivo inconsciente dos autores sucessivos. Um *princípio de coerência-convergência* (Botella, 2013) como o que governa o trabalho do sonho e, de modo geral, todo trabalho psíquico, agiria continuamente sobre os diferentes *restos de teoria* para produzir uma *nova inteligibilidade*. Uma evolução *silenciosa* do paradigma que se manifesta no psicanalista. Assim, uma parte considerável de



psicanalistas franceses de hoje refletem e têm uma prática vinculada a um pensamento psicanalítico, cuja coerência constituiu-se progressivamente a partir do primeiro paradigma, integrando noções como as de *negativo* (A. Green), *funcionamento psíquico* e *valor econômico-dinâmico do pré-consciente* (P. Marty), *transformações psíquicas* (Bion, Marty), *construção do passado* (Viderman, Pasche)... Uma sucessão que permitiu a nós mesmos extrairmos dela o papel da *regrediência*, do *trabalho de figurabilidade*... Enfim, os trabalhos pessoais de psicanalistas que se sucedem darão continuidade à evolução do *paradigma* e ao crescimento do pensamento analítico.

A peculiaridade do *pensamento psicanalítico* seria o seu contínuo inacabamento. □

Abstract

Green's work and the evolution in analytic thinking

André Green's work represents, for the author, the best example of what he conceives as the *evolutionary paradigm*: just as hard sciences, psychoanalysis also possesses the potential of organizing an evolutionary knowledge; nevertheless, different from them, evolves with no paradigm change, but expanding the founding paradigm, which opens psychoanalysis to new fields of psychic life. It is *governed* by an evolutionary paradigm where the evolutionary characteristic is the product of an unconscious collective work of successive authors.

Keywords: evolution of analytic thinking, evolutionary paradigm, principle of convergence-coherence.

Resumen

La obra de Green y la evolución del pensamiento analítico

La obra de André Green representa, para el autor, el mejor ejemplo de lo que concibe como *paradigma evolutivo*: como las ciencias duras, el psicoanálisis también tendría la potencialidad de organizar un saber evolutivo; pero, a diferencia de ellas, evolucionaría sin cambio de paradigma, más por ampliación del paradigma fundador que abre el psicoanálisis hacia nuevos campos de la vida psíquica. Esta sería *gobernada* por un paradigma cuyo carácter evolutivo resultaría del producto de un trabajo colectivo inconsciente de autores sucesivos.



Palabras llave: evolución del pensamiento analítico, paradigma evolutivo, principio de convergencia-coherencia.

Referências

- Bion, W. R. (1962). *Learning from experience* London: William Heinemann.
- _____. (1965). Transformations. In *Seven servants: four works by Wilfred R. Bion* (pp. 1-183). New York: J. Aronson.
- Botella, C. & Botella, S. (2013). *La mémoire sans souvenir*. Manuscript submitted for publication.
- Freud, S. (1915). Pulsions et destins des pulsions. In *Métapsychologie. Oeuvres complètes de Sigmund Freud*. t. XIII.
- _____. (1920). Au delà du principe de plaisir. *Oeuvres complètes de Sigmund Freud*, t. XV.
- _____. (1923). Le moi et le ça. In *Oeuvres complètes de Freud. Psychanalyse* (Vol. 16, pp. 255-302). Paris : PUF.
- _____. (1933 [1932]). Nouvelles conférences sur la psychanalyse. In *Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*. Paris : Gallimard, 1989
- Green, A. (1966). Narcissisme primaire : structure ou état. In *L'Inconscient*, n.1/2, 1967, p. 80-132.
- _____. (1973). *Le discours vivant*. Paris : PUF.
- _____. (2002). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris : PUF, 2003.
- _____. (2010). *Illusions et désillusions du travail analytique*. Paris : Odile Jacob.
- Lacan, J. (1953-1954). Fonction et champs de la parole et du langage. In *Les écrits techniques de Freud*, (Livre 1, p. 300). Paris : Seuil, 1999.

Recebido em 15/03/2013

Aceito em 22/03/2013

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum** e **Luciane Falcão**

Cesar Botella

11 rue Jean de Beauvais, 75005
Paris – França
e-mail : cbotella@club-internet.fr

© Cesar Botella

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA